



ABUSO DE PODER E SEUS IMPACTOS NA SOCIEDADE

Matheus Braga BUCHALLA¹
Vinícius Miranda MORAES²

RESUMO: Por meio desse artigo busca-se a demonstração da harmonização da sociedade e de como aspectos abusivos de classes superiores causam impactos nessa relação entre indivíduos. Isso pode ocorrer por inúmeros métodos sendo eles por meio da cultura, do poder econômico, do individualismo e até mesmo pela globalização onde as constantes mudanças afetam o desenvolvimento social, mas com a racionalidade e a espiritualidade podemos estabelecer uma lógica entre as ideias novas adquiridas criando um melhor convívio social. Além disso, descrevem poderes autoritários na história da humanidade como o Nazismo, o Fascismo e o Governo de Getúlio Vargas os quais conquistaram a população por meio da dialética e implantaram seus métodos severos de comandar.

Palavras-chave: Abuso. Poder. Impactos. Autoritarismo. Cultura.

1 INTRODUÇÃO

Desde as primeiras concepções de sociedade o mundo foi estruturado em diferentes classes sociais e com isso surgiram novos estudos e métodos de política para a consolidação da ordem social. Alguns governos superiores, apesar de pensarem em estabelecer a harmonia entre a população, acabavam passando dos limites por serem detentores de poderes elevados e dessa forma tiravam proveito para si mesmo dos grupos mais inferiores, os quais sofriam situações mais precárias.

Por conta disso a população sentia falta de direitos fundamentais para a vida em sociedade, acarretando uma desordem social, uma baixa relação entre o poder superior e seus inferiores e assim ocasionando a existência de revoluções onde o povo começou a reivindicar os princípios de igualdade e dignidade humana.

¹ Discente do 2º termo do curso de Direito do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: matheusbuchalla@gmail.com

² Discente do 2º termo do curso de Direito do Centro Universitário “Antônio Eufrásio de Toledo” de Presidente Prudente. E-mail: vinicius.moraes4@gmail.com

Os governos que impõem regras severas sendo opostos à grande liberdade individual e por consequência esperam a obediência inquestionável da população, são chamados de autoritários os quais estabelecem relações com estruturas de tempos anteriores à obtenção do Código Civil onde o cidadão conquistou direitos iguais perante o Estado e a sociedade. Isso fez a ordem social ser estabelecida e o desenvolvimento dos países subirem consideravelmente.

Alguns tipos de governos autoritários surgiram durante a história da humanidade como os três governos de Roma, o Nazismo na Alemanha, o Fascismo na Itália e o governo de Getúlio Vargas no Brasil. Esses poderes fizeram certos povos adquirirem repúdio e pavor devido a controles brutalmente significativos dos países de origem ou de conquista tanto em âmbito social como também no âmbito governamental mesmo obtendo apenas uma só pessoa administrando todo o território. Dois exemplos que definem fortemente essa questão são o Nazismo e o Fascismo os quais repercutem até os dias atuais.

Os líderes dos movimentos dispunham de grande força dialética enfatizando boa parte da população que os admirava e acreditavam fielmente em seus dizeres manipuladores. Sendo eles o motivo de muitas dúvidas como: “O que constavam esses dizeres?”, “Como esses governantes conseguiram persuadir uma determinada parte do povo a seguirem tal modelo?”, “Onde estaria a empatia do homem com o seu próximo?”.

De acordo com a situação proposta, a pesquisa enfatizou sobre os tipos de governos autoritários da antiguidade os quais detinham todo o monopólio da administração do país em apenas um só governante e como essa estrutura autoritária pode persuadir parte da população até os dias atuais, mesmo sendo ela representada pela prática de atos contrários aos direitos de dignidade da pessoa humana. Por conta disso, a parte afetada acaba sendo prejudicada tanto física como emocionalmente deixando assim sequelas incuráveis dentro do pensamento de um cidadão o qual queria apenas um mundo onde houvesse uma harmonia entre raças, religiões e culturas.

2 PODER ACIMA DE TUDO

A sociedade desde os tempos antigos mostrava uma grande necessidade de organização para que o ser humano não gerasse caos entre eles.

Isso cada vez mais foi ganhando força e modelos de governo foram surgindo com o passar dos anos. A maior parte deles possuía como base um caráter mais regulador de liberdades onde o povo não detinha grande participação, principalmente quando eram de etnias diferentes, religiões distintas e até mesmo na parte do sexo onde mulheres eram vetadas da vida política na sociedade.

Os representantes de tais moldes governamentais eram vistos como os mais próximos da perfeição, sendo classificados como divindades os quais levariam a salvação para a população. O filósofo, professor e escritor francês Montesquieu (1962, p. 179) em seus dizeres era totalmente contra o absolutismo e uma de suas frases icônicas foi: “o Absolutismo é uma experiência eterna de que todos os homens com poder são tentados a abusar”, assim como Montesquieu, Michel Foucault (1976, p. 6) já advertia “Não caia de amores pelo poder”. Isso remonta a um pensar sobre a posição do homem em sociedade, pois ao adquirir poder deixam subir a cabeça e assim ficam tentados a abusar, ocasionando conflitos entre países, crises mundiais e uma grande diminuição da harmonia social.

Quando essa harmonia é desfeita, os locais onde isso ocorre acabam entrando em crises constantes por consequência de uma falta de respeito mútuo com a população. Tais métodos de repressão tiram do cidadão seus direitos de dignidade e isso contradiz com uma norma fundamental de um ser humano o qual nasce possuindo sua dignidade humana logo cedo independentemente de sua nacionalidade, religião, cultura ou sexualidade.

3 GOVERNOS AUTORITÁRIOS

Como foi abordado anteriormente, existiram diferentes tipos de governos absolutistas e dois grandes exemplos que revigoram até os dias atuais em grupos contrários a qualquer método de liberdade são o Nazismo e o Fascismo.

Seus representantes eram vistos como grandes pessoas e que vieram para fazer o “necessário”, como era dito em seus discursos. Ao falar sobre isso logo pensamos como esses governantes persuadiram a população mesmo fazendo práticas que são altamente reprováveis por diversos grupos. Para entender é essencial analisarmos como um todo e seu contexto histórico com a eterna briga de países por território.

Os dois grandes líderes Hitler e Mussolini desenvolveram uma dialética bem desenvolvida os quais conseguiram persuadir grande parte da população. Seus dizeres continham incentivos para o povo, como liberdades de trabalho que melhorariam as técnicas e políticas industriais (dando a entender uma maior entrada de capital para o país), falavam com um teor nacionalista dando esperança para as pessoas as quais se situavam no meio de duas grandes guerras e um importante meio que os ajudou ainda mais a convencerem todos foram os tratados feitos por ambos, que continham territórios e melhores direitos após guerras, estabelecendo assim um melhor conforto para a população que vivia pressionada com tais conflitos mundiais.

Ao abordar isso, temos uma convicção melhor de que a população não foi totalmente obrigada a seguir tais princípios, mas sim persuadida pelos líderes dos movimentos que queriam implantar medidas autoritárias as quais tiravam qualquer tipo de liberdade de determinados povos, implantando assim métodos severos como torturas, assassinatos, agressões físicas e mentais, entre outros. Prejudicando constantemente, até nos dias atuais, pessoas que eram vistas como “bode expiatório” de tais grupos e dessa forma descarregavam toda sua raiva e seus métodos de coerção social.

Apesar de serem políticas muito severas e repudiadas é necessário observamos os dois lados e assim humanizarmos melhor os pensamentos, ou seja, independente do que fizeram e até mesmo fazem, eles apenas estavam acreditando naquilo que tinham como crença as quais eram extremas para uma sociedade em que todos deveriam ter a dignidade humana e a harmonia social garantidas.

Os governos de caráter autoritário também foram vistos no Brasil, um bom exemplo seria o mandato de Getúlio Vargas o qual por muitos estudiosos foi considerado um ditador e por meio de técnicas bem elaboradas conseguiu conquistar a população da época.

Possuía como métodos a boa dialética que acarretou no convencimento de boa parte do povo; criou medidas trabalhistas, assim como os líderes na Europa abordados anteriormente, fazendo seu poder ampliar devido à conquista da parte trabalhadora do país; com tal meio conseguiu centralizar seu poder e dessa forma obteve a administração de todo o Brasil. Mesmo adquirindo toda essa autoridade, uma das principais estratégias que Vargas fez foi a utilização da mídia como meio para disseminar sua propaganda de bom governante e por

conta disso conquistou o apoio de boa parte da população brasileira, ficando conhecido na época como “mãe dos ricos e pai dos pobres”.

Com todas essas estratégias tomadas, seu mandato durou um bom tempo e com ele, além de práticas autoritárias vieram melhorias tanto na economia como no âmbito social, conquistando ainda mais o apoio da população. Mesmo obtendo toda essa força do povo (que vigora até hoje em uma parte considerável dos idosos que viveram a Era Vargas) foi acusado de escândalos, escondendo por um bom tempo e quando foi descoberto acabou dando um tiro em si mesmo para livrasse de ser pego e acusado de delito contra o país.

Foi criada uma grande repercussão no país naquela época, onde saiu por toda a mídia fazendo com que os pensamentos da população ainda vigorassem e deixar Getúlio como o salvador da época o qual sem dúvidas fez algumas melhorias, mas por outro lado era um autoritário e seguia alguns princípios dos governantes que causaram grande pavor à população europeia.

4 O MUNDO COM NOVAS IDEIAS

Os países que passaram por governos autoritários sofreram bastante com as questões sociais gerando grande mobilização da população contrária a tais princípios. Com isso, surgiram novas maneiras de se pensar e assim criaram-se governos voltados para a liberdade dos cidadãos.

Por essa razão surgiram políticas as quais visavam o bem comum do povo e um bom exemplo seria a Democracia que ganhou força após o final de mandatos severos que vigoraram em uma parte considerável do mundo. O filósofo e historiador francês Michel Foucault uma vez disse:

A crítica consiste em desentocar o pensamento e em ensaiar a mudança; mostrar que as coisas não são tão evidentes quanto se crê, fazer de forma que isso que se aceita como vigente em si não o seja mais em si. Fazer a crítica é tornar difíceis os gestos fáceis demais. Nessas condições, a crítica – e a crítica radical – é absolutamente indispensável para qualquer transformação. (FOUCAULT, 2011, p. 16).

Conclui-se que ao dizer isso Foucault quis demonstrar que todo ser humano é detentor da crítica e dessa forma desenvolve sua própria maneira de pensar, colocando em prática aquilo que acha conveniente para a sociedade dando

fim a qualquer tipo de meios autoritários que contradizem com a harmonização da sociedade.

Tendo base ainda nesse aspecto, a utilização de críticas foi essencial para as transformações que ocorreram ao longo da história da humanidade. Esse princípio fez a população pensar e praticar revoluções, reivindicando seus direitos que antes eram tomados por líderes autoritários, ajudando a implantar novas políticas de administração que colocam os direitos humanos em um patamar mais elevado.

A cultura também é um elemento vital para interferências no âmbito governamental, embora alguns pensem que seja um tema o qual possui pouca influência nos princípios autoritários.

Ao relacionarmos a cultura com o poder, Jorge Forbes nos diz que:

Se uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus participantes depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior – e este é o caso em todas as culturas atuais – é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza eles não possuem mais do que uma cota mínima. (FORBES, 2009, p. 134).

De acordo com essa frase pode-se estabelecer que tendo o governante uma determinada cultura, esta por sua vez usada como base para implantar seus princípios, se tornará repudiada pela população já que tal líder a utilizou justificando suas técnicas de comando. Dessa forma, o povo oprimido desenvolverá uma intensa hostilidade querendo assim liberdades e direitos iguais por consequência de obterem fontes de riqueza mínimas relacionadas à classe superior.

Sendo assim, a cultura é um dos meios muito utilizados para explicar tais atrocidades feitas pelos líderes autoritários, servindo como uma resposta sobre a necessidade de praticarem determinadas maldades. Apesar de serem brutais, simbolizavam suas crenças e dessa maneira achavam que formariam um local mais harmonioso de se viver.

5 PODER E PRECONCEITO

O preconceito desde as primeiras concepções de sociedade foi algo muito frequente entre a população. Isso cresceu ainda mais quando começaram a

surgir os primeiros governos autoritários que implantavam políticas severas e as relacionavam com suas crenças, as quais repudiavam outras que fossem contrárias.

Conforme os anos se passaram, essas ações autoritárias foram ganhando força nos países que por conta da chegada das guerras mundiais, se organizavam por políticas ditatoriais para a estruturação do exército. Como era de se prever, após os conflitos as potências entraram em crises grotescas, mas dessa maneira os governantes viram uma forma perspicaz sendo ela a de culpar certas populações que possuíam crenças diferentes. Um exemplo seria o repúdio dos alemães nazistas contra os judeus que eram vistos como uma ameaça, pois sua religião contradizia com a do Governo Alemão a qual de acordo com a crença, o povo judeu foi o motivo da morte de Jesus Cristo já que seu nome provinha do traidor Judas.

De acordo com o jurista Christiano Jorge Santos, o caráter da não aceitação de determinadas crenças não tem haver só com o repúdio, mas também todo um teor psicológico. Como ele diz no trecho a seguir:

Se considerarmos a frequência a gravidade das humilhações às quais são submetidos, uma reação racional consistiria, segundo parece, em usar represálias. Ora, a não ser que estejam expostos às violências semelhantes às do regime hitlerista, que torna toda adaptação psicológica impossível, numerosos judeus e pessoas de cor parecem sobretudo preocupados em apaziguar seus inimigos. A razão disso é que, dada a estrutura do poder, seu conflito pessoal não pode ser atenuado pela rejeição do grupo dominante de brancos ou de não judeus. O fato de odiar um grupo cujo poder é por demais evidente não traz nenhuma segurança. Em consequência disto e de modo conforme à lógica particular dos fenômenos psicológicos, existem negros que têm preconceitos de cor e judeus antissemitas. Os que adotam esta atitude apenas fazem atribuir ao seu grupo as características que não podem aceitar em si próprios. (SANTOS, 2010, p. 41).

Ao proferir tal explicação, Santos propõe uma justificativa levando para o lado psicológico, que para muitos representa uma das explicações lógicas sobre o funcionamento dessas punições sobre indivíduos de crenças diferentes.

Quando repudiam um determinado grupo não estão apenas praticando o preconceito, ao fazerem isso também é evidente que não conseguiram aceitar a si próprios, ou seja, se atribuem uma representação de que como não são completos em sua crença e assim há a “necessidade” de punir pessoas para buscarem um

preenchimento que está em falta. Demonstrando desta forma a existência de negros que possuem preconceito com o branco, outras raças e judeus antisemitas.

5.1 Globalização e a Violência

O mundo está em constante movimento, as áreas não param de se desenvolver e isso acaba influenciando a população. Com toda essa globalização e um grande aprimoramento da parte tecnológica, acaba-se produzindo diferentes formas das pessoas se relacionarem, como a possibilidade de contato por via eletrônica.

Um grande advogado chamado Alberto do Amaral Junior produziu junto com outros três juristas uma obra, a qual relacionava duas palavras que vinham ganhando muito destaque no mundo: globalização e violência. O autor mencionou em sua parte do livro tal relação e dizia:

Antes de mais nada, afirmo a existência de uma relação íntima entre poder econômico e violência nas diferentes dimensões que ela possui, seja como imposição de significados ou como expressão do uso da força física. O segundo postulado que pretendo sugerir diz respeito à relação entre poder econômico e violência no plano externo. Com o advento da globalização, tornou-se lugar comum afirmar a existência de uma relação indissociável entre poder econômico e violência, não apenas na cena doméstica, mas também no campo internacional. A globalização é um processo dialético e contraditório marcado pela intensificação sem precedentes das relações sociais. Essa intensificação também é comprovada no rol das ações violentas. Há estreita associação entre a falta de poder ou impotência econômica e a violência. (AMARAL JUNIOR, 2009, p. 111 - 112).

Ao dizer sobre essa interação entre as duas palavras, fez pesquisas e observações e constatou, por meio disso, que há a existência de uma ligação forte entre as duas, pois quanto maior a globalização, o mundo se modifica ao redor e as relações sociais são alteradas, havendo assim distorções entre as ações humanas gerando uma colisão entre as verdades anteriores e as atuais e por consequência ocasiona-se essa intensificação a qual leva para a violência.

Toda vez que houver modificações no âmbito das inovações tecnológicas e nos meios de comunicação, haverá essa troca de saberes gerando uma constante substituição. Por conta desse fato, caberá ao homem saber o que realmente quer seguir como verdade e não praticar a violência com certas pessoas

as quais não apoiam os pensamentos e normas atuais, pois quanto mais intensificarmos o preconceito mais difícil será extingui-lo da sociedade.

O preconceito está implícito na humanidade trazendo consigo a violência, mas é importante saber que não há necessidade de tal prática, pois da forma que seguimos certas crenças não devemos julgar as outras diferentes. Isso se intensifica com a globalização a qual desenvolve uma coerção social não pautável sendo somente vista implicitamente no próprio cidadão, o qual reprime o outro muitas vezes sem saber o que realmente importa no momento, deixando de lado a harmonia social.

6 PODER ECONÔMICO E O INDIVIDUALISMO

A estrutura de classes sociais sempre existiu, desde os primórdios da sociedade e perpetua até os dias atuais. Essa divisão, na maioria das vezes, é feita em relação ao poder econômico o qual as pessoas buscam cada vez mais um número maior de capital para serem assim “completas”.

Alberto do Amaral Junior no livro sobre o poder econômico em relação à sociedade fez o seguinte comentário:

O meu intento é discutir o poder econômico como uma das formas de poder, já que a característica do poder econômico é, tradicionalmente, a propriedade dos meios de produção, que outorga aos seus detentores a capacidade de determinar o comportamento dos indivíduos. (AMARAL JUNIOR, 2009, p. 112).

De acordo com o que disse o jurista, a sociedade põe em pauta o poder econômico como sendo a maneira de se chegar ao poder absoluto, à classe social mais alta. Por isso, a população acaba desenvolvendo um comportamento errado para a vivência em comunidade formando-se assim um caráter individualista, ou seja, uma grande necessidade de obtenção de lucros colocando-se acima de qualquer pessoa para conseguir o que realmente quer e dessa forma chegar a uma classe com maiores privilégios.

Essa busca por capital deixa cada vez mais evidente o caráter individualista que busca o poder econômico acima de tudo. Essa situação ocorre, pois foi imposto para o ser humano pela coerção social que quanto maior for seu poder aquisitivo, maior

será seu poder de controle e comando de classes mais inferiores gerando desta maneira um individualismo nas pessoas.

7 CONCLUSÃO

Com base em tudo que foi exposto, vimos que ao falarmos de abuso de poder abrange-se um grande ramo voltado para a sociedade a qual sanciona a população de determinadas maneiras e dessa forma acarreta influências nas relações sociais.

O convívio em sociedade pode ser afetado por inúmeras maneiras como no âmbito cultural, da religião, do poder econômico, entre outros. Toda essa relação surgiu desde as primeiras constituições de sociedade, mas o que vêm trazendo essa falta de harmonia gira em torno das mudanças da atualidade as quais cada vez mais mudam seus princípios e formas de se estruturarem entre os indivíduos.

Essas constantes transformações afetam toda a logística do indivíduo o qual seguia determinados conceitos, mas que por conta da coerção da sociedade foi obrigado a mudar, pois seria impossível conviver em um lugar onde todos o julgam por não seguir tal maneira.

Para melhorar essas situações que afetam inúmeras pessoas, deve-se ser feito uma harmonização entre a população onde certas maneiras que desonram a dignidade do indivíduo tenha um controle, pois desta maneira podemos levar o mundo a um desenvolvimento tanto racional para discernir tais escolhas, quanto espiritual para sabermos aquilo que realmente tem um caráter puro, que não ofenda o próximo.

Todo esse desenvolvimento pode ajudar a relacionar o direito de dignidade de cada pessoa e entender que não é preciso a prática de maneiras severas e individualistas, visto que isso só prejudica a harmonização social se tornando difícil o relacionamento entre classes diferentes o qual poderia ser evitado, já que todos são livres perante a lei.

REFERÊNCIAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

Descomplicando: o melhor texto para entender nazismo e fascismo. Catraca Livre, 11 de set. de 2019. Disponível em: <https://catracalivre.com.br/dimenstein/descomplicando-o-melhor-para-entender-nazismo-e-fascismo>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

FERRAZ, Tércio Sampaio; SALOMÃO, Calixto; NUSDEO, Fábio. **Poder Econômico: direito, pobreza, violência e corrupção**. 1ª Edição. Brasil: Editora Manole, 2008. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788520442418/cfi/0!/4/2@100:0.0>. Acesso em: 15 de abr. de 2020.

FUCCI, Ariane. **Qual a diferença entre o abuso de poder e o abuso de autoridade?** JusBrasil, 09 de jun. de 2008. Disponível em: <https://lfg.jusbrasil.com.br/noticias/20923/qual-a-diferenca-entre-o-abuso-de-poder-e-o-abuso-de-autoridade-ariane-fucci-wady>. Acesso em: 26 de abr. de 2020.

MONTESQUIEU. **Do Espírito Das Leis**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1962.

MORAES, Isabela. **Era Vargas**. Politize!, 1º de ago. de 2019. Disponível em: <https://www.politize.com.br/era-vargas>. Acesso em: 28 de ago. de 2020.

O que caracteriza o abuso de autoridade? LFG, 14 de out. de 2019. Disponível em: <https://www.lfg.com.br/conteudos/artigos/geral/o-que-caracteriza-o-abuso-de-autoridade>. Acesso em: 26 de abr. de 2020.

SANTOS, Christiano Jorge. **Crimes de preconceito e de discriminação**. 2º Edição. Brasil: Editora Saraiva, 2010. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788502113114/cfi/0>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.

VEIGA-NETO, Alfredo; BRANCO, Guilherme Castelo. **Foucault: Filosofia e política**. 1ª Edição. Brasil: Autêntica Editora, 2011. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/#/books/9788582170021/cfi/16!/4/2@100:0.00>. Acesso em: 25 de abr. de 2020.